

DIRECTORES

Miranda de Barros  
Domingos Guimarães

Redacção—Lisboa

RUA DA MAGDALENA, 237, 3.

Administração—Vizella

# A EMANCIPAÇÃO

JORNAL INDEPENDENTE

PREÇO, 100 RÉIS

POLITICA, LETTRAS, FACTOS

NUMERO UNICO

CONSAGRADO A MEMORIA

**IGNACIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS**

PELOS  
SEUS AMIGOS E ADMIRADORES



IGNACIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS

## A MEU FILHO IGNACIO

TRIBUTO DE SAUDADE

Os dias da vida ridente sonhavas,  
Com honra e gloria que alfin alcançaste;  
A tetrica morte ceifou-te a existencia,  
E tu para os anjos tão cedo voaste!

Aos vinte e dois annos, cercado de brumas,  
Em rudés esforços ganhavas trophéus;  
O teu braço d'armas foi sempre o trabalho  
E n'esse ideal t'evolavas p'ra Deus.

De pai e d'irmãos sempre foste querido,  
D'amigos sem numero o eras tambem,  
O ser extremo que mais t'adorava,  
Tu sabes, ó filho?—Era a pobre mãe!

pranto constante, em saudade infinda  
das da vida assim passaremos;  
o jazigo lancemos flores,  
na por elle aos céus elevemos.

DE BARROS.

## IGNACIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS

Digamos duas palavras despre-  
tenciosas a respeito d'este mallo-  
grado moço, que a breve trecho se-  
ria illustre pelo trabalho e pela  
intelligencia, se lograsse mais al-  
guns annos de vida; porém, fallemos  
d'elle com a sinceridade da consciencia,  
não para lhe pulverisar de lou-  
vaminhas as cinzas inertes, en-  
tregues á consumpção da terra,  
mas para o offerecer como exem-  
plo aos novos, aos rapazes do seu  
tempo.

Desprovido dos mais insignifican-  
tes recursos ou bens de fortuna,  
tendo a amparal-o apenas o amor  
inextinguivel de um pai herói-

mente consagrado a desbravar o  
rude entendimento de creanças bi-  
sonhas, encargo publico remunerado  
com os miseraveis e vergonhosos  
proventos por demais conhecidos,  
Miranda de Barros veio aos  
13 annos de idade matricular-se no  
Lyceu do Porto. Vencidos tres annos  
de agruras financeiras, voltou-se  
para a Eschola Normal, onde um  
subsídio de 75000 réis mensaes lhe  
sorria, nas criticas condições da  
sua vida.

Da conta que ahi deu de si, dil-o  
bem alto o direito reconhecido ao  
premio no segundo anno, que aliás  
não lhe fôra conferido, sob o fun-  
damento de que Miranda de Barros,  
em plena aula, tivera o *audito*  
*arrojo* de desaffrontar-se de certa  
injuria gratuita por um processo

inadmissivel na casa, isto é, socára  
bizarramente um condiscipulo que  
não lhe soubera respeitar o decoro!  
Dil-o ainda o premio, que, só por  
um requinte de aggravada injustiça,  
lhe poderia ser negado, no terceiro  
e ultimo anno do curso.

Laureado e admirado n'esse mo-  
derno estabelecimento de instrucção  
publica, Miranda de Barros não  
aspirou, nem a sua legitima ambi-  
ção lhe permittia que aspirasse, á  
*sublime e gloriosa* missão de se de-  
ixar estiolar pela fome no magisterio  
official, arte ou officio para que, de  
resto, a Eschola Normal o habilitá-  
ra distinctamente. Tornou, portan-  
to, para o Lyceu, a fim de concluir  
o curso interrompido, e matriculou-  
se simultaneamente no Instituto  
Industrial e Commercial do Porto,

para versar disciplinas uteis, e di-  
versas das professadas alli.

E, não obstante a frequencia re-  
gularissima das aulas de dia e de  
noute, e o estudo acurado das dif-  
ferentes materias que cursava, Mi-  
randa de Barros era obrigado a  
achar sobras de tempo para se de-  
dicar ao ensino particular, fonte  
principal da sua subsistencia então!  
Realisava certamente um prodigio  
de vontade e de actividade huma-  
na; mas dava ao mesmo passo, com  
esse excesso de trabalho espirital  
e mental, as primeiras enxadadas  
na sepultura que dentro em pouco  
havia de servel-o.

Foi n'esta conjuntura que a com-  
missão administrativa do Lyceu do  
de Lisboa, querendo reorganisar o In-



mudos de Belem, e não encontrando na capital pessoa idonea para lhe pôr a frente, volver os olhos para esta cidade...

A MEU SAUDOSO IRMAO

(LAGRIMAS E SAUDADES)

Na primavera da vida, na quadra mais ruidosa da existencia, quando esta ia ser para ti toda de risos e flores!...

A tua passagem sobre a terra não teve mais que a duração de um sonho...

A tua vida foi a synthese do que ha de mais nobre, mais justo e mais santo...

Trabalhar, trabalhar sem descanso, foi sempre o lema que seguiste e com elle morreste!

Trabalhaste até ao ultimo alento para conseguir o bem-estar da tua familia, que não o teu proprio!

A mãe, as irmãs... a familia, enfim... foi esse o teu cuidado constante até ao ultimo momento. Quando rogavas á Virgem que te desse saúde, era ainda para nós que pedias!...

Sim, foi esse o teu ultimo pensamento, ao evolaes-te para o infinito!

Abrisses-te o peito, e lá se veria n'um verdadeiro arcano, n'um ultimo adeus!...

Este desenlace, que eu não esperava tão repentino, prostrou-me o espirito e por um grande espaço deixou-me submersa nos mais tristes pensamentos.

Então, allí, junto do teu corpo imóvel, eu revi uma a uma as phases da nossa existencia, ainda tão curta, mas já tão cheia de vicissitudes.

Transportei-me á nossa infancia, tão despreocupada e tão alegre, em que tu—um diabretinho—já evidenciavas as preciosas qualidades da tua alma...

Depois, as horas do estudo em commum, qual de nós estudaria mais depressa e argumentaria melhor!...

Depois, quando alcançaste a collocação que ia proporcionar-te ensejo de expandir e applicar mais livremente a tua prodigiosa intelligencia...

Depois, quando alcançaste a collocação que ia proporcionar-te ensejo de expandir e applicar mais livremente a tua prodigiosa intelligencia...

Depois, quando alcançaste a collocação que ia proporcionar-te ensejo de expandir e applicar mais livremente a tua prodigiosa intelligencia...

Depois, quando alcançaste a collocação que ia proporcionar-te ensejo de expandir e applicar mais livremente a tua prodigiosa intelligencia...

Porém, mal era passado um anno, veio um accidente fazer-nos receiar pelo futuro que nos tinhas feito antever.

A vida é um passo na immensidade do tempo! e a tua morte prematura veio affirmar-me quanto é certa e real esta amarissima verdade!

Tu, recusando affligir-nos, tranquillizaste-nos com as tuas palavras sempre carinhosas, chegando a convencer-nos de que o perigo não era tal como se nos affigurava.

Mas, quando te fui esperar, de regresso ao nosso lar, ao encerrar contigo, não senti aquella alegria radiante que me invadia das outras vezes!

As rosas da febre brilhavam sinistramente no teu rosto pallido e macerado, o olhar circumdado de bistro, tinha irradiações que feriam a alma; dir-se-hia o ultimo bruxolear de uma lampada!...

Quando, como de costume, me beijaste, eu tremi. Os teus labios desmaiados queimavam-me a fronte!...

Depois, a tua voz tinha vibrações desconhecidas! As tuas fallas lentas e vagas vinham impregnadas de tua suavidade e melancolia que me chorava!...

E, quando me envolviás nas ondas purissimas do teu luminoso olhar, eu sentia confranger-se-me dolorosamente a alma! Nunca supuz que a tua doença atingisse tão rapido desenvolvimento; mas, quando ouvi aquella tossesita que te obrigava a curvar e comprimir o peito...

E assim, nesta espectativa, eu assisti, durante 22 dias, á lenta consumpção do teu ser, á destruição do teu organismo, e ao desabar das minhas illusões, per tanto tempo alimentadas!...

E, agora, perante a realidade, eu compreendia, oh! meu adorado morto! quanto tu luctaste, quanto tu soffreste para fugir ás garras que a morte ha longo tempo vinha estendendo para ti!...

Agora, que a pouza do sepulcro te cobre e para sempre, deixa que a triste flôr da saudade!

Agora, que tu tens por confidente o triste piar do mocho, venho eu dizer-te quanto era immenso o affecto que nos unia.

O espaço que nos separa já mais poderá extinguir o nosso amor infundo!

Com a tua morte dissiparam-se as minhas illusões; o futuro apresenta-se-me árido e sombrio; sou fraca para a lucta, porque sou mulher... embora.

Onde quer que o destino me arrojear serão sempre os meus pensamentos e acções aferidos pelos austeros exemplos e rigidas noções do dever que sempre me proporcionaste!

Oxalá eu saiba desempenhar condignamente, como tu, o meu papel na sociedade e que as minhas acções de agora em diante possam merecer a tua justa approvação.

No entanto, hoje como hontem, amanhã como sempre, terás um pensamento em meu cerebro, um altar no meu peito, uma prece nas minhas orações e uma saudade no meu coração!

Quando a aurora derramar as suas lagrimas sobre a tua campa, ir-se-hão confundir com o pranto vertido nos teus flores que eu lá te vou depor!

E assim jamais esquecerei o quanto tu luctaste, o quanto tu soffreste, oh! meu bem amado irmão!...

10 de fevereiro de 1893.

CONCEIÇÃO DE BARROS.

LAMENTOS E SUPPLICAS

A MEU CHORADO IRMAO

I. J. MIRANDA DE BARROS

A vida é um passo na immensidade do tempo! e a tua morte prematura veio affirmar-me quanto é certa e real esta amarissima verdade!

Tu, na primavera da vida, no desabrochar da juventude, quando tudo te sorria, foste ceifado pela implacavel foice da Morte! Precisa-

mente quando ias vêr preenchidos todos os teus desejos, quando as tuas illusões iam tornar-se realidades, quando ias vêr que todos os teus sonhos de ventura não eram uma chimera...

Lá na mansão dos justos, perante o throno do Altissimo, roga-lhe que me encurte o viver, para ir gozar brevemente a tua companhia...

Quando eu tenha cumprido as obrigações que de ti herdei, anhele apenas ir bem depressa reunir-me a ti!

Mais não póde o acanhado cerebro, mais não consegue a minha diminuta intelligencia. E o que penso, o que sinto é o que pôde tributar-te á minha alma anciosa.

Longe, a vinte leguas de ti, n'um valle estreito cavado entre montanhas, —que tristeza!—vendo os cabecos dos montes polvilharem-se do encizentado amortecido das neves...

Vizella, 27 de janeiro de 1893.

ANNA DA C. MIRANDA DE BARROS.

MIRANDA DE BARROS

(NA LAPIDE DE UM CORACAO)

Longe, a vinte leguas de ti, n'um valle estreito cavado entre montanhas, —que tristeza!—vendo os cabecos dos montes polvilharem-se do encizentado amortecido das neves...

Quando a aurora derramar as suas lagrimas sobre a tua campa, ir-se-hão confundir com o pranto vertido nos teus flores que eu lá te vou depor!

Quando a aurora derramar as suas lagrimas sobre a tua campa, ir-se-hão confundir com o pranto vertido nos teus flores que eu lá te vou depor!

Venho de receber a noticia da tua morte, longe, lá em cima, n'esse recanto de pazagem cheia de polychromias vividas, doce como o byzantino paraizo da Biblia, onde, pelas tardes, mulheres agaçantes, de corpo de amphora, levam a sés-ta a desfiar cantigas, á hora em que as cotovias, porta-estandartes da luz, esvoaçam no azul, vibrando em ineffavel duetto com a estrella da manhã...

Não chorei a trêda angustia de perder-te—ó meu pobre amigo, ó bohemio soffredor e moço—porque nem a minha amargura se dilue em choro, nem—ai de mim!—tenho já lagrimas para chorar. Apenas sahi

a colher um ramo de myosotis— a flôr que tu adoravas, a constellação azul dos ceareados!—para depôr sobre o teu caixoso branco.

Mas nem encontrei myosotis nem lilazes para engrinaldar o thalamo das tuas bódas derradeiras. E por isso, cá de longe—a vinte leguas de ti—envio agora almas de violetas e corações de rosas que te dirão como eu te amava—ó meu bom, ó meu justo, ó meu desventurado amigo!

Depois, no intimo do meu ser, hoje, a primeira pancada do Angelus, uma cousa inenarravel—sabelo tu?—e cruciante como nenhuma e amarga —tão amarga!—o choro do sino pranteando as agonias infinitas da minha alma—que era bem a voz das minhas saudades e das minhas angustias que o sino fallava.

Vai o sol a descer, o santo amigo dos poetas, o irmão mais velho dos heroes, a espregar através os galhos hirtos dos pinheiros! Desce, que é pela derradeira vez que lhe cercas com a aureola do teu ouro a fronte empallidecida; desce, que é pela ultima vez que lhe banhas os escuros olhos do clarão meigo do teu scintillar moribundo; desce, que já não é precisa a tua luz, porque a minha saudade infinita—ah! que tambem é luz e que tambem é sol!—sobe, sobe sempre para a região da aurora, onde a sua alma, mais candida que uma alma de rapariga nubil, repousa n'um berço claro de estrellas!

Querido morto, bem amado espirito! Revejo a primeira noite sinistra, a primeira noite sangrenta... Bem a recordo, essa noite em que a alvorada de sonho que em nossas almas raiava n'uma alacre expansão de esperança e de vida se converteu n'um poente de dôr.

Recordas-te? Vai para um anno, março, fins do inverno. A mesa do Martinho, no recanto extremo do gabinete, onde então se reunia o grupo dos meus amigos...

de espirituas requintes e de aspirações altas como o serpe-estrello, tu chegaste pallido, labios como folhas de rosa secca, olhos sem irradiações, amortecidos, baços. Cantavam como pandeiretas de ouro os nossos risos, flammejava como um ponche a nossa alegria e até a estrella do paradoxo scintillava, borboleta que de uma chrysalida de soes surdisse, batendo a aza irial.

Mas, ante a lividez da tua face, os risos murcharam apagados, n'uma afflicção. Recordas-te? Fora n'aquella tarde que a uma caminhada mais rapida o sangue te jorrara da bocca, vivo como um damasco antigo. Doi-te o peito, a tua voz adquiria tons novos, nuances que diziam infinitas melancolias, e nas faces brancas, cór de madreperola, ardiam as primeiras papoilas da febre...

Meu Deus! E aquella tossesita, primeiro vaga, branda, leve, agora a accentuar-se com eccos surdos, constantes, lembrando martelladas de caixão. Meu Deus!

Tomei-te o braço, sahimos. Cá fóra o vento ululava desgraça, a trêva era densa e profunda e o céu chato dizia uma prophécia de Morte. Tremi, e á luz sangrenta do gaz surgiu a meus olhos, nitida e implacavel, toda uma visão sinistra! Julguei-te estendido no caixão, os olhos já sem luz, a bocca já sem risos, pallido, como a flôr do myrtho, ce-rosas as mãos cruzadas sobre o peito, e a traz alguem a soluçar, alguem...

—sonho purissimo de amor,—que chorava a sua ventura perdida—ah pobre! que chorava a sua soledade infinita—ah desgraçada! que chorava a sua chimera desfeita—ah martyr!

Depois, dia a dia, o lento, o pavoroso desfazer d'esse organismo resistindo com a energia da vida aos golpes rudes da tua morte que a final—ó meu compadecido amigo!—te assassinou!



do-te em pleno peito, em plena aurora, em plena vida!

É ASSIM A VIDA!

Pobre amigo! Quando a gloria, conquistada á custa de tantos sacrificios, ia eleva-lo ao lugar que lhe competia na sociedade, e a felicidade principiava a envolvê-lo no seu manto de flôres, fazendo com que se realisasse o sonho mais querido da sua juventude, a Morte, a avara e implacavel ceifeira das almas boas e generosas, como que tendo ciúmes do mundo que o admirava, arrebatou-o nos abysmos do insondavel, trespassando de dôr e desespero o coração e a alma d'aquelles que o estremeciam!

Porto, 10—2—93.

A. L.

...E agora, pallido como a visão da lenda scandinava, vejo-te entrar no thalamo dos esponsaes derradeiros, na glacial e austera jazida, coberto pela alma das violetas e pelo coração das rosas, que, na piedosa linguagem do seu aroma, te dirão baixinho, n'um murmuro, docemente, quanto eu te ame!

Valle Maior, 16 de janeiro, ao anouteecer.

DOMINGOS GUIMARÃES.

À MEMORIA

DE

IGNACIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS

17-1-1893

*Alma minha gentil que te partiste,  
Gélido corpo, que tão só descanças,  
Ai! desfolhadas são as esperanças  
Do teu lar saudoso e sempre triste!*

Poeta, os versos teus, tuas endeixas,  
Que soltava tremente a tua lyra,  
Recorda-as hoje a noiva que suspira,  
E que viuva para sempre deixas.

Foi-te doirado pergaminho a lucta  
Pela existencia rude e trabalhosa;  
Resiste a intelligencia vigorosa,  
Porém a morte á vida te disputa.

E assim, fugindo aos teus, angustiados,  
Por herança lhes das dôr e tortura!  
Ai d'elles! que á singella sepultura  
Deporão prantos e amargurados!...

No sacrario das lagrimas fulgente  
Guarda as nossas, que são viva saudade:  
Perante a Sempiterna Magestade  
Repousa lá no céu eternamente.

THEREZA LUSO.

LUTO

(DEDICADA Á EXC.<sup>ta</sup> SNR.<sup>a</sup> D. LUCIA PINTO DE ARAUJO LIMA)

Começava no azul a despertar o dia...  
A noite sepulcral,  
Como o enfermo que morre em gélida agonia,  
Ao vêr a luz, morria  
Como um negro que morre em leito de crystal...

Manhã serena e fria... Os leves passaritos,  
Como aves agoureiras,  
Ferem o ar e o céu com estrondosos gritos,  
Com arrancos afflictos,  
Imitando o chorar das tristes carpideiras...

O negro luto vem!—As dôces cotovias,  
Celestias cantoras,  
Imprimem no gorgeio a dôr das elegias,  
E cantam melodias  
Como os cantos fêraes das almas scismadoras...

Já murcham nos jardins as pallidas florinhas,  
Mais pallidas que estrellas...  
Ao longe vê-se um bando ingente d'avesinhas,  
Que choram—coitadinhas!—  
O louro sonhador que se inspirou com ellas!...

.....  
E, enquanto o sol levanta a fronte aurifulgente  
No vasto azul do céu,  
As aves vão chorando um pranto commovente...  
—E a minha dôr latente  
Me faz ambicionar morrer como elle morreu!...

Porto—3—2—93.

ARTHUR DE ARAUJO.

MIRANDA DE BARROS

Vamos pela estrada da vida, despreocupados, risinhos nos olhos, dizendo a dôce canção de amor que nos inspira o olhar da mulher amada, cantando a pleno peito o hymno triumphante do trabalho e agitando no ar o estandarte branco da paz, no qual levamos inscripto o lema da honra immaculada, que é a nossa religião e tem o nosso culto.

Vamos assim pela vida, como o soldado que marcha convicto do seu dever e animado pela esperança da victoria que ha-de engraldar-lhe de louros a fronte audaciosa e que não pensa, nem reflecte sequer, que, em vez dos louros, aureolar-lhe a fronte vencedor, terá um braçado de goivos, desoladamente espargido no coval onde o seu corpo desça inerte e sanguentado.

Vamos pela estrada da vida, alegres e despreocupados, honestos e audaciosos, sem nos lembrarmos de que além, n'aquella curva, por detrás d'aquelle muro, está emboscada a morte, para ferir-nos, para prostrar-nos, arrefecer-nos o sangue no coração, apagar-nos o riso sobre os labios.

E, como é triste morrer quando dentro do peito ha o chilrear festivo das nossas illusões juvenis, quando o sol entra pela rasgada janella da nossa alma e nos alegra cá dentro esse pequeno recinto onde guardamos todas as nossas esperanças, qual pequena cathedral toda feita de ouro e engastada de mil reliquias preciosas!

Morrer quando apenas temos tocado com os labios a taça diamantina da ventura; morrer quando principiava de clarear para nós a mais ridente aurora de paz e de triumpho; tombar no primeiro degrau que iam subindo para alcançar o alto porystilo de luz e merecida gloria, deve ser como a agua ferida em pleno peito, que subira á negra profundidade do abysmo, por sobre o qual deixa o seu ninho construido. Assim succedeu a Miranda de Barros, esse honestissimo character, esse indefesso trabalhador, que a morte colheu cedo, e tão cedo arrebatou aos seus que o adoravam e aos amigos que n'elle tinham um exemplo vivissimo da mais inteira lealdade, da honestidade mais ferrea e intransigente.

Extinguiu-se a luz poderosa de um clarissimo espirito, paralysoou-se o braço infatigavel de um laborioso e intelligentissimo rapaz, cuja morte marcou um sulco profundo no coração de quantos o haviam conhecido e haviam feito justiça ás suas qualidades de espirito e coração.

Professor distincto e escriptor illustradissimo, a sua personalidade era inconfundivel!

Passou na vida como um luminoso meteoro, que deixa atraz de si um rastro brillantissimo, com a differença de que o rastro do meteoro só dura alguns momentos, ao passo que o rastro que deixam os espiritos cultos como o d'esse malogrado rapaz, tem perpetua duração na lembrança de todos que poderam apreciar o seu valor, o seu inestimavel preço.

Toda a homenagem, pois, que se preste á saudosa memoria de Miranda de Barros terá apenas a significação de uma divida justamente satisfeita.

E eu de alma e coração me associo a toda a homenagem prestada á sua memoria.

Porto, fevereiro de 1893.

ANNIBAL IGNACIO DA COSTA.

ACROSTICÓ

À TUA MEMORIA

Immerso nas lembranças do passado,  
Gemendo mil suspiros de saudade,  
Na louza d'essa campa eu vou, curvado,  
Fazer o culto da amizade.  
Contemplo hoje o teu busto honesto e honrado,  
E ainda a mostrar reverberos da esperança  
Ou do brilho da tua alma sã. Descança!

Já te não toldam a vida consternada  
Os tenebrosos céus que o mundo encerra;  
Sob a terra embora revoltada,  
Em vão te affrontam agora os mal's da terra.

Manejando o escarpello da sciencia,  
Inspirado, estudando até morrer,  
Remarcaste na senda da existencia  
A tua intelligencia, o teu saber.  
Na luz que te doirava a consciencia  
Deixavas perceber qualquer mysterio...  
A luz d'um astro... a luz d'um ser ethereo!  
.....  
Dizer que tu morreste?... é vã chimera!  
Em vão póde morrer quem bem vivera!

Bom filho, bom irmão... quem toda a vida  
Viveu bem, ao seu dever quiz consagrar,  
Resplende-lhe na morte a luz mais qu'rida,  
Repito, nunca mais póde acabar!  
Os homens como tu e outros quaes,  
Se morrem é pr'a então viverem mais!!!

Porto, 1 de fevereiro de 1893.

ANTONIO COELHO DOS SANTOS.

A SAUDOSA MEMORIA

DE

IGNACIO JOSE' MIRANDA DE BARROS

(Ex-professor do Instituto Municipal de Surdos-mudos de Lisboa, e convidado, poucos dias antes da sua morte, para director do Instituto de Surdos-mudos Araujo Porto)

A instrucção dêra-te um nome  
Do saber na estrada nobre:  
Entráras n'ella bem pobre,  
Sabiste rico de luz,  
Moço e feliz, escondias  
Sob o peito mil esperanças;  
Amaste muito as creanças,  
Como as amara Jesus!

Tu foste p'ra os surdos-mudos,  
No affecto vivo, constante,  
Como a estrella scintillante  
Que precede a luz do dia:  
N'essa tristeza infinita,  
N'esse escuro entendimento,  
Como o sol no firmamento,  
Lançaste a vida, a alegria!

Foste a virtude, um exemplo  
Da instrucção na nova arte:  
Póde alguém inda igualar-te,  
Mas exceder-te, isso não!...  
A fama vò, sorrindo,  
Iluminando-te a fronte:  
Ias ter novo horisonte,  
Como honroso galardão!...

Mas... que ironia suprema  
Foi essa do teu destino?!...  
Após as notas de um hymno,  
Do bronze o dobre funereo?!...  
—Quando surgia o triumpho,  
Vencidos tantos abrolhos...  
A morte cerrou-lhe os olhos,  
Deu-lhe a paz do cemiterio!...

Porto—Março de 1893.

J. DA CUNHA CARDOSO.

PARA O JAZIGO DO BARROS

Repousas aqui frio e carcomido,  
Sem lagrimas, sem flôres, tristemente,  
E a tudo que te cerca, indifferente!  
—Tu que em vida foste tão querido!

Como uma pomba candida, innocente,  
Que morre sem soltar um só gemido,  
Tu morreste, Barros estremecido,  
Deixando-me no mundo descontente!

ALBANO ALVES.



ULTIMA HOMENAGEM

Morreu na quadra mais sorridente e encantadora da vida—é doloroso!

Elle, o glorioso martyr do trabalho, que caminhou por entre os dissabores e as privações, sempre de cabeça alta e sorriso nos labios á conquista do anciado bem... evolou-se... desapareceu não sei para onde!...

E, crudelissima realidade, morreu quando começava a descortinar os roseos e infindos horisontes que tanto o seduziam e por que tanto ansiava... quando ia ver coroadas de bom exito as suas nobilissimas aspirações... quando, enfim, ia dar á familia, que idolatrava, a prova mais evidente e mais santa dos nobres e elevadissimos sentimentos que lhe iam n'alma... Infeliz mancebo!

A sua morte, e a sua vida, foram pelos entes que mais o estreñeciam e que, a passo e passo, seguiam, torturados, os progressos fataes da tyrica que tão depressa fez d'elle sua victima, lançou-os no mais atroz dos desesperos, na mais viva das consternações.

Era junto d'esses entes queridos, e muito principalmente de sua extremosa amada, que elle, o queridissimo Ignacio, ia muita vez confidenciar os seus enthusiasmos e as suas mágnas n'uma intimidade que agora faz grande, enormissima falta.

De todos que o conheciam não ha um só que não relembre o seu nome com infinda saudade, que não tenha o coração oppresso pela dôr.

Não esquece, não, porque teve merecimentos proprios e porque soffreu e soffreu muito. A memoria dos bons e dos que soffrem fica sempre, como ficou orvalhada pelas lagrimas da nossa saudade a terra em que foi escondido o seu cadaver. Não será apenas o sol, o eterno e benefico amigo dos desgraçados—que irá visitar a sua sepultura. Terá ali em visita constante a eterna lembrança dos que o compreenderam e amaram.

M. A. L.

AMISADE

Nada mais pungente que assistir-se á dissipação rapida e completa do fogo da vida e do enthusiasmo que crepita vivaz em humano e nobre peito, e ao córte traço do vôo de quem está prestes a attingir um ideal justo, no céu azul da esperança! Este facto, emocionando o mais insensível, reveste-me de géllo a alma, de modo que mal posso pulsar na magica cythara melancolicos sons; apenas

posso burilar em lagrimas os meus profundos sentimentos.

Traçando estas linhas, cumpro um dever. Que ellas não têm valor algum entre phrases tão harmoniosas e contornadas que aqui se encontram, bem o sei; mas, ainda que valham tanto como mimosa flôr produzida pela Natura em agra serra, e transportada em bello jardim, onde se definha e morre, são inspiradas por um sentimento sublime.

Porto, 26 de fevereiro de 1893.

EUSEBIO GONÇALVES DE QUEIROZ.

Dôr humana

EM MEMORIA DE I. MIRANDA DE BARROS

Ferido dolorosissimamente pela noticia da morte de um homem que venerava, que venerava como a um Idolo, como a um chefe, como a um Exemplo, ferido pela noticia da morte do Patriota, do Democrata, do Grande Portuguez—José Falcão—mal serenada ainda a tempestade lacrimosa da minha alma—recebo outra noticia tambem triste, a da morte de um outro amigo, a quem eu muito prezava.

E essa morte, repentina, morte que mais me assombrou por isso, como assombraria todos os que o conheceram, porque ainda ha pouco o vimos cheio de saude e força, sorrindo descuidado e franco—fez vibrar então de novo a dôr em mim, e eu de novo, nervosamente excitado pela saudade e pela mágnia, recordei alguns d'aquelles versos que escrevera, pranteando, desalentado, a morte do meu Poeta, a morte do Philosopho e do Sublime, a tragica morte de Anthero de Quental:

«Que Patria é esta? Em tudo vem a Agrura cindo-lhe luto, mágnas, desalento... Em breve espaço, aqui, á sepultura quanto genio tombou, quanto talento.

Ha craneos sob a terra onde era pura e nobre a Ideia, e forte o Pensamento... A Patria envolve-a uma mortalha escura, e é dos mais rudes, sim! este momento!...

Nas horas mais terriveis da agonia, —agonia que eu sinto, intima, forte,— ha tempos, eu ouvi a litania da Triste Paz, que diz que esta é a Morte.

Morte que eu amo! Morte que eu bendigo! ó Morte protectora! (o eu receio de repente abraçar-me a sós contigo!) as almas dos poetas ao teu seio se acolhem tanto, que eu a ti bendigo, pois só em ti ha a Paz Serena, eu creio...

Realmente, n'este combate eterno do Genio da Vida com o Genio da Morte—eu não sou dos que têm visto cahir menos combatentes em

redor de si. E, ainda novo, recordando os mortos queridos, assombro-me com o seu numero.

Têm sentido os beijos frios e os abraços fataes da Eterna Amortalhada—tantos amigos, tantos companheiros—tantos dos que vão nas fileiras onde eu vou tambem, combatendo heroico e altivo pela Patria e pelo Povo—e tantos dos que, não tendo meus irmãos de luta, são, embora, meus amigos... que eu me admiro, ao pensar n'isto, de nunca seguir este caminho da Vida, escavado, escorregadio, falso, tortuoso, quasi maldito!...

Miranda de Barros, o amigo morto, o amigo que pranteio, tinha um futuro possivelmente radioso se visse a vida ainda. Mas a fatalidade fez com que esse fim previsto, esse fim de cada um, essa vida tão controversa, *ou delà*, mais cedo do que devia ser, viesse tiral-o do caminho da Vida—a esse rapaz pujante, inteligente e franco, a esse rapaz que em cada fibra do corpo tinha a vitalidade do forte, a esse rapaz que possuia as irradiações de um cerebro lucido e activo, e possuia a nervatura necessaria para contrabalançar com um espirito recto e ao mesmo tempo affabilissimo e capaz da Fé e da Candura.

A Morte, levando-o, como quem pratica um roubo, á pressa e á tôa... roubando-o ao coração dos extremosos paes, ao coração das affectuosas mães e ao coração de todos os seus bons amigos—a Morte commetteu, positivamente, um crime.

Eu, com a reverencia encantadora dos ultimos e conscienciosos preitos, espallarei idealmente sobre a sua campa as flôres tristes dos mortos:—acacias, anémonas, azaleas, glycinias, violetas, artemisias—flôres alvas e flôres roxas: alvas como as mortalhas e roxas como as nodas que circumdam uns olhos saudosos e macerados.

Porto, 28 de fevereiro de 1893.

ARNALDO AUGUSTO.

POBRE BARROS!

Pobre Barros!... Estava na primavera da vida, na risonha quadra dos amores, na florea idade das illusões, quando tudo se lhe affigurava bello, poetico, aureo, e as suas aspirações,—fulgentissimas aspirações dos seus verdes annos—começavam a realisar-se, e...—bem como o temporal arrebatado impiedoso dos troncos das arvores as tenras vergontees engrinaldadas de mimosas florinhas,—preludio de um anno feliz e abundante,—o abutre esfaimado, o horrido phantasma da morte arrebatou-lhe

implacavelmente, irremediavelmente, todo esse bouquet de flôres que constituíam a sua felicidade, a sua vida, enfim.—Tristissima condição!...

Não posso lembrar-me do Barros sem lagrimas, sem saudades, sem o sentimento de uma dôr acerba que parece retalhar-me o coração! Não!...

E' que me acodem, em tropel, á memoria as reminiscencias de um passado que não volta; peripécias da sua vida intima, pelas quaes mostrava á evidencia a magnanimidade da sua alma, a belleza do seu coração rico de nobres sentimentos, a proeminencia do seu talento que, em breve, lhe daria um lugar ao lado dos nossos primeiros homens de letras. E' que me recordo, com a dupla saudade de collega e amigo, do seu convivio hilariante, nas nossas esturdias de bohemio, da sua inexaurível collecção de piadas preñhes de um chiste e de um espirito eminente.

O Barros era o verdadeiro typo do dandy moderno. De uma perspicacia innata, expressava-se de maneira tal, que as suas palavras não só se percebiam nitidamente, mas ainda deixavam adivinhar o que elle ás vezes não queria...

Pobre rapaz! Foi uma pena, e tanto maior quanto maior foi o seu merecimento.

Um domingo de tarde, brumoso e frio, se bem me recordo, andava eu na Cordoaria, mãos nos bolsos, meditando, respirando, bem contra os meus desejos, uma atmospheria saturada do *poudre de ris* que a *gommeux* rescendia, e ouvindo os accordes, oh! os divinos accordes da lyra maviosissima do inspirado Bellini, quando, de improviso, senti baterem-me brandamente nas costas. Voltei-me e... era o Barros.

Depois de alguns momentos de conversa, notei-lhe na physionomia traços, ainda que pouco definidos, de uma nostalgia prematura, e perguntei-lhe a sua origem.

Então o Barros contou-me tudo:—Que conseguira arranjar uma collocção em Lisboa, uma eschola de surdos-mudos, e que partia para lá no dia seguinte inabalavelmente.

Eu respondi-lhe que sim, que fosse, mas que se não esquecesse da invicta e dos amigos que n'ella deixava; e apertei-lhe a mão, e disse-lhe adeus! E que adeus... um adeus eterno, sem saber! porque desde então (fatal sinal!) nunca mais o vi, nunca mais, nunca mais!

Paz á sua alma.

Porto, 20—2—93.

ALBANO ALVES.

RESIGNEMO-NOS E IMPOREMOS

Todo o homem é mortal, mas as suas acções e o seu nome são immortaes.

Deixaste de existir na pessoa

quando se te preparava um futuro auspicioso, mas não deixaste de existir no nome e nas acções boas que praticaste. Incansavel no cumprimento dos teus deveres, na tua carreira de estudante mostraste bem á evidencia as tuas aptidões para o ensino. Tinhas terminado uma carreira e ias começar a pisar um novo caminho onde irias colher a tua corôa de louros, e a morte surprehende-te! E' penoso! Mas que fazer? Contentemo-nos com os infortunios que a Providencia nos envia, e imploremos-lhe o eterno descanço d'esse nosso chorado condiscipulo e collega.

Porto, 19—2—93.

JOSÉ A. C. CASTRO LYRA.

A VIRTUDE DO TRABALHO

*Virtus post nummus!*—Parece que estas palavras de Horacio foram escriptas para definir o nosso tempo.

*A virtude depois do dinheiro*—traz, effectivamente, o caracter egoista de um fim de seculo profundamente desolador.

Na legião dos que trabalham, raros são os que interpretam o trabalho como uma virtude, como um dever; raras são, pois, as iniciativas briosas em beneficio de causas verdadeiramente prestadias.

Quando essas iniciativas se manifestam, impõe-se a todo o homem de consciencia sã auxiliar-as, amparal-as, impulsional-as com fervor.

Ignacio Miranda de Barros, o saudoso filho de Vizella, o filho querido da Eschola Normal do Porto, pertencia á legião d'esses homens de iniciativa. Por isso, a sua carreira era vasta, por isso o seu futuro era seguro.

Na lucta do trabalho, não ha metralha que domine esses luctadores; vence-os a morte, mas deixam após si uma vida posthuma, assignalada por fructos de actividade vivifica e pela recordação saudosa de predicados que constituam grandes exemplos.

Sobre o tumulo de Miranda de Barros vemos murchar tantissimas esperanças nossas; sobre esse tumulo vicejam, porém, exemplos de trabalho intelligente e audaz, exemplos que dão vida a umas pobres cinzas, como a pedra do monumento dá vida a uma grande memoria.

Consolemo-nos, pois:—esse morto querido vive ainda... vive a vida dos seus nobres exemplos de trabalho.

Porto, fevereiro de 1893.

BENTO CARQUEJA.

Typographia do «Commercio do Porto»